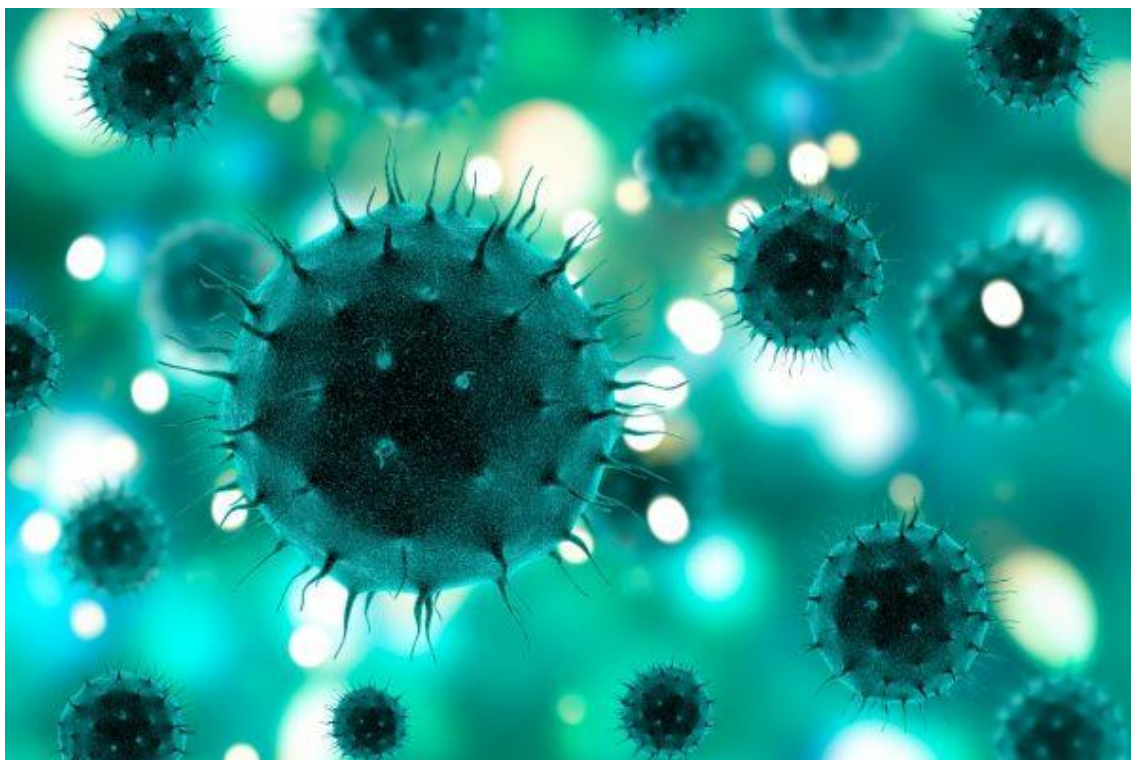


Um vírus demasiado humano



Por Jean-Luc Nancy

Tradução: Lucas Faial Soneghet

É costumeiro dizer que a Europa exporta suas guerras desde 1945. Uma vez em ruínas, ela foi incapaz de fazer qualquer coisa senão espalhar desunião para suas velhas colônias e ao longo das linhas traçadas por suas alianças e interesses em competição com os novos polos de poder do mundo. Entre esses polos, a Europa era somente uma memória, enquanto ainda fingia ter um futuro.

E agora, a Europa está importando. Não somente mercadoria, como tem feito há muito tempo, mas primeiro e primariamente, populações – o que também não é novidade, mas está se tornando urgente, até sobrepujante –, num ritmo marcado pelos conflitos que exporta e por problemas ambientais (que também originaram na Europa). Hoje, a Europa está importando uma pandemia viral.

O que isso significa? Não é simplesmente a questão do espraiamento do vírus, que tem seus vetores e trajetórias. A Europa não é o centro do mundo – longe disso –, mas ela persiste em performar seu antigo papel de modelo ou exemplo. Talvez existam atrações bem fortes e oportunidades impressionantes em outros lugares. Algumas são tradicionais, talvez antiquadas, como na América do norte;

outras são novas, na Ásia e na África (com a América do Sul sendo um caso especial, onde muitos traços europeus estão combinados com outras particularidades). Mas a Europa parecia, ou acreditava ser, mais ou menos desejável, pelo menos como refúgio.

O velho teatro do exemplar – justiça, ciência, democracia, beleza e bem-estar – atrai desejos, mesmo se esses desejos se acoplem a objetos desgastados ou mesmo ultrapassados. Então, a Europa permanece aberta a visitantes mesmo que não seja acolhedora para os que não podem pagar por esses desejos. Não surpreende, portanto, que um vírus entre na história.

Não surpreende que na Europa esse vírus crie confusão maior do que em seu lugar de origem. De fato, a China já estabeleceu ordem, no assunto dos mercados e também das doenças. A Europa, por outro lado, estava num estado de relativa desordem: entre nações e entre aspirações. Isso levou a alguma indecisão, agitação e adaptação difícil. Em contraste, os Estados Unidos imediatamente recaíram no seu isolacionismo grandiosos e na sua habilidade resoluta de decidir. A Europa sempre esteve tentando se encontrar – e encontrar o mundo, que continuou descobrindo e explorando nos dois sentidos do termo – e depois de tudo, ainda não sabe onde se encontra.

No momento que o epicentro da pandemia pareceu estar controlado e muitos países ainda não afetados fecharam suas portas a europeus e chineses, a Europa se tornou o epicentro da pandemia. Foi lá que vimos os efeitos acumulados das viagens a China (para negócios, lazer ou estudos), de visitantes da China e de outros lugares (para negócios, lazer ou estudos), de suas incertezas gerais e, finalmente, de sua dissensão interna.

Seria tentador resumir a situação assim: na Europa é “cada um por si” e em todos os outros lugares é “Cai pra dentro, vírus!”. Ou assim: na Europa, a vacilação, o ceticismo e a teimosia são mais prevaletentes do que em muitos outros lugares. Esse é nosso legado de “raciocinar a razão”, libertino e libertário; em outras palavras, o legado que nós, velhos europeus, consideramos a própria vida mental.

É por isso que a reiteração inevitável da expressão “medidas excepcionais” ressuscita o fantasma de Carl Schmitt por meio de um paralelo apressado. Então, o vírus espalha os discursos de provocação ostentativa. Mostrar que você não está

sendo enganado é mais importante do que evitar o contágio – o que leva a uma dupla enganação – e talvez por causa de ansiedade mal reprimida. Ou por um sentimento infantil de onipotência ou intrepidez.

Todos (eu incluso) tem um comentário a fazer, seja ele cético ou tentando uma interpretação. A filosofia, a psicanálise e a politologia do vírus, todos trazem uma mensagem.

(Aceitemos a visão apresentada por Michel Deguy em seu poema *Coronation*, no site da revista *Po&sie*)

Todos querem discutir e argumentar, pois estamos há muito tempo acostumados a lidar com dificuldades, ignorância e indecisão. A nível global, o que predomina, a meu ver, são a confiança, maestria e decisão. Pelo menos essa é a imagem que parece emergir ou tomar forma na imaginação coletiva.

A pandemia do coronavírus é, em todos os níveis, um produto da globalização. Ela enfatiza suas características e tendências. É um agente de livre comércio ativo, combativo e efetivo. Ela participa do processo mais amplo por meio do qual uma cultura se desfaz, para ser substituída por algo que é menos uma cultura e mais um sistema de forças indistintamente técnico, econômico, autoritário e às vezes psicológico ou físico (se pensarmos sobre o petróleo ou o átomo). É claro, esse processo coloca em questão o modelo de desenvolvimento econômico, e então o presidente se sente obrigado a apresentar relatos. É bem possível que talvez tenhamos que mudar nossos algoritmos – mas não há prova que isso vai trazer uma nova era.

Erradicar o vírus não é o bastante. Se a maestria política e técnica provarem ser parecidas com seu resultado, elas só tornarão o mundo em um campo de forças tensionadas e colocadas umas contra as outras, daqui em diante despidas de quaisquer elementos civilizadores que entravam no jogo anteriormente. A brutalidade contagiosa do vírus espalha assim como a brutalidade administrativa. Estamos lidando com a necessidade de selecionar os elegíveis para tratamento (e isso sem contar as injustiças econômicas e sociais inevitáveis). Isso não é uma trama insidiosa desenhada por um conspirador desconhecido sinistra. Nem é resultado de abusos por parte das nações. O único elemento em movimento é a

lei geral das interconexões, cuja maestria é o objetivo dos poderes tecnocômicos.

No passado, pandemias podiam ser consideradas punição divina, assim como doenças em geral eram vistas por muito tempo como externas ao corpo social. Hoje, a maioria das doenças são endógenas, causadas por nossas condições de vida, pela qualidade de nossa comida e pela toxicidade do nosso ambiente. O que era divino se tornou humano – demasiado humano, como disse Nietzsche. Por muito tempo, a modernidade podia ser definida de acordo com a fórmula de Pascal: “O homem infinitamente supera o homem.” Mas se ele se supera “demasiadamente”, ou seja, sem alcançar o divino pascalino – então ele não se supera de maneira alguma. Em vez disso, ele acaba atolado numa humanidade sobrecarregada pelos eventos e situações que produziu.

De fato, o vírus confirma a ausência do divino, visto que sabemos sua natureza biológica. Estamos até descobrindo o quanto seres vivos são mais difíceis e complexos de definir em comparação a como os descrevíamos antes. Também estamos descobrindo até que ponto o exercício de poder político – do povo, de uma suposta “comunidade”, como a comunidade “europeia” ou uma ditadura militar – é outra forma de complexidade, novamente mais difícil de definir do que pensamos. Entendemos melhor agora o quão inadequado o termo “biopolítica” é nessas condições. A vida e a política nos desafiam juntos. Nosso conhecimento científico nos diz que somos dependentes somente no nosso poder técnico, mas não há tecnicidade pura porque o conhecimento ele mesmo inclui incertezas (é só ler os estudos publicados). Porque o poder técnico não é inequívoco, o quão menos inequívoco deve ser um poder político, enquanto é supostamente guiado por dados objetivos, e enquanto se espera que responda a expectativas legítimas? É claro, decisões devem ser baseadas, de todo modo, em uma objetividade presumida. Se a objetividade dita “confinamento” ou “distanciamento”, até onde as autoridades devem ir para implementá-los? E, é claro, inversamente, em que ponto podemos falar dos interesses escondidos de um governo que quer – por exemplo – manter os Jogos Olímpicos com os quais espera lucrar, assim como muitos negócios em nome dos quais o governo está agindo também? Ou dos interesses de um governo que toma essa oportunidade para reacender sentimentos nacionalistas?

A lupa viral amplia as características de nossas contradições e de nossas limitações. É um princípio de realidade que colide com o princípio de prazer. A morte é sua companheira. A morte, que exportamos com guerras, fomes e devastação, que pensamos confinar a alguns outros vírus e ao câncer (agora em expansão quase viral), agora nos espera na esquina. Quem diria! Somos humanos, sem penas e dotados de linguagem, mas certamente não super-humanos nem transhumanos. Demasiado humanos? Ou devemos entender que não existe isso de “demasiado” humano e que é precisamente isso que nos supera infinitamente?